

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, CIÊNCIAS E ARTES/ICHCA
CURSO DE JORNALISMO

JÉSSICA VITURINO DOS SANTOS

RELATÓRIO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**RAÍZES DE RIACHO DOCE: VIVÊNCIAS E TRADIÇÕES QUE AINDA RESISTEM NO
BAIRRO HISTÓRICO DE MACEIÓ**

MACEIÓ
2023

JÉSSICA VITURINO DOS SANTOS

**RAÍZES DE RIACHO DOCE: VIVÊNCIAS E TRADIÇÕES QUE AINDA RESISTEM NO
BAIRRO HISTÓRICO DE MACEIÓ**

Relatório de Trabalho de Conclusão de Curso submetido
ao Curso de Comunicação Social - Jornalismo da
Universidade Federal de Alagoas como requisito para
obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Janayna Ávila

Maceió
2023

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico
Bibliotecária: Taciana Sousa dos Santos – CRB-4 – 2062

S237r Santos, Jéssica Viturino dos.
Raízes de Riacho Doce : vivências e tradições que ainda resistem no
bairro histórico de Maceió / Jéssica Viturino dos Santos. – 2023.
32 f. : il. color.

Orientadora: Janayna Ávila.
Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo) –
Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Humanas,
Comunicação e Artes. Maceió, 2023.

Bibliografia: f. 29.
Anexo: f. 30-32.

1. Fotojornalismo. 2. Histórias. 3. Tradições – Riacho Doce (Maceió,
AL). I. Título.

CDU: 070 (813.5)

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar minha profunda gratidão a todos que me apoiaram durante a realização deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Em primeiro lugar, agradeço a Deus por ter me dado força e orientação em todos os momentos dessa jornada.

Meu agradecimento começa com meu pai, José Marcelo, que sempre me incentivou e acreditou em meu potencial desde o início da graduação e por criar minha família com tanto amor, sendo pai e mãe para mim e meu irmão. Dedico uma menção especial à minha mãe Josilene Viturino, que, embora não esteja mais entre nós, sempre foi minha maior incentivadora nos estudos e me inspirou a seguir em busca dos meus sonhos. Sinto saudades todos os dias, mas sei que ela está feliz e orgulhosa de mim por mais essa conquista.

Também gostaria de agradecer a minha vó falecida Antonia Maria, que sempre acreditou no meu sonho até o último dia de sua vida. A meu irmão Jedson Viturino, por seu incentivo e apoio em momentos difíceis da graduação.

Sou grata aos primos César Augusto, Jadson Vieira e minha amiga Jaqueline Melo por sua paciência em me acompanhar durante as visitas para realizar entrevistas e fotografias. Agradeço ao meu amigo Lucas Amorim, que sempre esteve disponível para me ajudar e me apoiar durante toda a jornada acadêmica.

Não poderia deixar de agradecer ao Hermes Winicius, que me acompanhou em todos os momentos durante a graduação e esteve ao meu lado nesta caminhada até este dia. Quero agradecer especialmente à minha orientadora, Janayna Ávila, por aceitar este desafio e por sua orientação e compartilhamento de conhecimentos valiosos, que foram fundamentais para a realização deste TCC e para o meu crescimento acadêmico.

Também sou grata aos meus chefes de estágio Diego Barros, Daniel Barros e ao meu chefe de trabalho Antonio Carvalho, por me darem a oportunidade de aplicar meus conhecimentos em um ambiente profissional.

Aos amigos que fiz durante o curso, Brenda Guerra, Dayse Melo, Mariângela Martins, Izabel Lopes, Fagner Rios, Iara Melo, Amanda Ferreira, Leonardo Ferreira, Jeydson Silva e Luiz Barros, vocês foram essenciais nessa jornada. Obrigada por todos os momentos compartilhados.

Por fim, agradeço a todos os entrevistados que me ajudaram na construção

deste trabalho, vocês foram essenciais. Obrigada pela confiança e por compartilharem o conhecimento de vocês comigo.

"A fotografia é uma forma de sentir, de tocar, de amar.
O que você captura na câmera é capturado para
sempre... Eles se tornam lembranças." -

Aaron Siskind.

RESUMO

Este trabalho apresenta um ensaio fotojornalístico do bairro histórico de Riacho Doce, localizado no litoral norte de Maceió, a aproximadamente 16 km do centro da cidade. O ensaio é composto por 28 fotografias capturadas através de um dispositivo móvel, permitindo uma visão abrangente e sensível do bairro, especialmente a cultura e as tradições que ainda estão vivas nessa comunidade, destacando sua importância histórica. Com uma população de cerca de 5 mil pessoas, o bairro é predominantemente voltado para a atividade pesqueira.

Palavras-chave: Riacho Doce; Maceió; cultura; tradições.

ABSTRACT

This work presents a photojournalistic essay of the historic district of Riacho Doce, located on the north coast of Maceió, approximately 16 km from the city center. The essay consists of 28 photographs captured through a mobile device, allowing a comprehensive and sensitive view of the neighborhood, especially the culture and traditions that are still alive in this community, highlighting its historical importance. With a population of around 5,000 people, the neighborhood is predominantly focused on fishing activities.

Keywords: Riacho Doce, Maceió, traditions; local wealth.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Dona Maura na preparação da cocada	18
Figura 2: Dona Nenê preparando as iguarias.....	19
Figura 3: Praça Emídio de Carvalho	20
Figura 4: Pescadores empurrando a jangada para entrar em alto mar	22
Figura 5: Bordadeiras confeccionando peças de bordado.....	23
Figura 6: Missa na festa da Imaculada Conceição, em 2022	24
Figura 7: Estátua da Sereia no Mirante em Riacho Doce.....	25
Figura 8: Bastidores: registros do pescador na jangada.....	26

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. JUSTIFICATIVA	11
3. OBJETIVOS	12
3. 1. GERAIS	12
3. 2. ESPECÍFICOS	12
4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	13
5. PROCEDIMENTOS TÉCNICO-METODOLÓGICOS	16
5.1 PRÉ-PRODUÇÃO	17
5.2 CAPTAÇÃO	26
5.3 PÓS-PRODUÇÃO	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
REFERÊNCIAS	30
ANEXO.....	31

1. INTRODUÇÃO

O bairro de Riacho Doce, localizado na cidade de Maceió, encanta os visitantes com suas paisagens deslumbrantes e belezas naturais. Segundo dados do IBGE de 2010, o bairro abriga uma população de 5.218 habitantes, sendo 2.512 homens e 2.706 mulheres.

De acordo com relatos dos moradores, nas noites de lua cheia, uma mulher costumava se banhar no riacho e expressava a frase "que riacho doce", o que acabou dando nome ao bairro. Além disso, há relatos que indicam que a região era uma parada obrigatória para caravanas que se abasteciam e descansavam no local.

A região é conhecida pelos seus quitutes, pela comunidade pesqueira, assim como a vila de pescadores e pelas casas de farinha. Além disso, tem subsolo rico em petróleo, o que deu vida ao livro "O drama da descoberta do petróleo brasileiro", cujo o autor foi um morador do local e engenheiro, Edson de Carvalho, além do livro "Riacho Doce", escrito pelo paraibano José Lins do Rêgo, que se mudou para Maceió em 1926 e era residente do bairro.

O bairro também é conhecido pela diversidade cultural, constituída por danças regionais, crenças, culinária e pesca artesanal. Existe também um grupo chamado Bordazul, localizado na região de Garça Torta, que desenvolve práticas de promoção de cuidado em saúde através do bordado, sendo constituído por mulheres de Riacho Doce, Garça Torta e Ipioca. Os bordados tecem narrativas sobre as histórias e as memórias dessas mulheres, na relação com o cotidiano e seu território.

A religião predominante de Riacho Doce é a católica, que tem como principal representação a Igreja Nossa Senhora da Conceição, que ainda hoje atrai muitos fiéis para a festa da padroeira.

A Praia da Sereia é um ponto turístico famoso no bairro. Várias pessoas vão conhecer a famosa estátua da sereia que possui 4 metros de altura e está localizada em uma extensa faixa de recifes. Existe também o rio Riacho doce, que dá o nome a região.

Antigamente eram águas cristalinas e todos se banhavam, mas hoje com o crescimento populacional, aumentou também a construção de residências às margens do curso d'água e, com a falta de saneamento básico, as casas começaram a despejar resíduos domésticos no rio, afetando a vida marinha da região e o deixando impróprio

para banhos.

No bairro ainda restam algumas rústicas casas de farinha, nas quais são produzidas deliciosas iguarias, que não só retratam a cultura, mas também tem sua influência na atividade econômica.

Na prática da pesca artesanal, ainda existem os pescadores da região com as suas jangadas no mar, profissão passada de geração em geração, que, além de ser um atrativo cultural para quem frequenta a praia, é uma atividade econômica bastante representativa para a economia local.

Ao visitar esses locais, tive a oportunidade de recordar memórias afetivas da minha infância, quando frequentava aqueles mesmos lugares. Ainda que algumas lembranças estejam associadas a lugares que já não existem mais, a experiência permitiu enriquecer a percepção sobre a importância do bairro e seus elementos culturais.

O ensaio fotojornalístico sobre o bairro tem como proposta criar uma memória visual do local já que dificilmente o local irá escapar à expansão imobiliária da região e as transformações urbanísticas que estão em curso.

2. JUSTIFICATIVA

A escolha do bairro de Riacho Doce como tema deste trabalho justifica-se pelo objetivo de apresentar sua importância histórica e cultural para a cidade de Maceió, tendo em vista que sou natural dessa localidade e a conheço desde criança. Quero ajudar a preservar a memória e a tradição para as gerações futuras.

Ao longo da minha formação acadêmica, pude desenvolver um interesse especial pela fotografia e sua relação com o jornalismo, o que me levou a compreender a importância dessa união para a transmissão eficiente de informações e optar por essa abordagem.

Com o passar dos anos, o bairro de Riacho Doce passou por diversas transformações, deixando de ser um bairro de pescadores para se tornar um complexo bairro residencial. Com o aumento da população, foram construídas mercearias e um posto de saúde, no entanto, a poluição do Rio que dá nome ao local também aumentou. Algumas tradições foram deixadas de lado, mas outras permanecem vivas no sangue das pessoas que habitam a região.

Apesar da região ter grande bagagem histórica, ela não é conhecida como deveria. Quantos alagoanos conhecem, por exemplo, a história do petróleo de Riacho Doce? Ou as casas de farinha que ainda existem, e até mesmo os encantadores bordados? Enfim, acredito que a melhor forma de retratar o bairro é fazer uma reportagem fotográfica, mostrando o que ainda permanece vivo resgatando a parte cultural e histórica do local, e deixar registrado este trabalho para as futuras gerações conhecerem esse bairro tão rico do estado de Alagoas.

3. OBJETIVOS

3. 1. GERAIS:

Retratar, através do ensaio fotojornalístico, as histórias e tradições do bairro de Riacho Doce, além de mostrar a realidade atual da região.

3. 2. ESPECÍFICOS:

- Realizar uma pesquisa bibliográfica sobre a história do bairro de Riacho Doce e suas transformações ao longo do tempo;
- Realizar entrevistas com moradores antigos e recentes do bairro, a fim de coletar relatos e histórias sobre o local;
- Produzir um ensaio fotográfico que retrata a cultura, a arquitetura e a paisagem do bairro de Riacho Doce;
- Analisar a importância histórica e cultural da região, destacando suas principais características e peculiaridades.

4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A fotografia é mais do que registro de momentos. Ela tem o objetivo de transmitir mensagens. Na semiótica, a imagem é definida como um produto de uma cultura, em que o seu significado é um conjunto de aprendizagens. Desde os primórdios, a fotografia está inserida na sociedade, seja para registrar momentos felizes, ou um evento catastrófico. Através dela, pode-se denunciar algo que esteja ocorrendo num país, cidade, comunidade, seja onde for a fotografia se faz sempre presente. Segundo Farache (2008) as imagens se tornaram ícones da parte do imaginário coletivo, perpetuando a memória coletiva e servindo como referências visuais de acontecimentos históricos, sejam eles sociais, políticos, culturais ou humanitários.

“A fotografia jornalística aciona, de maneira mais contumaz, uma memória ampla, sedimentada coletivamente a partir da produção de um conjunto de imagens que se tornaram ícones representativos de fatos que têm marcado a história dos últimos dois séculos”. (FARACHE, 2008, p. 23).

Dentre as novas formas de comunicação criadas no mundo, existe a fotografia documental, a qual remete um registro cultural ou artístico de um momento, esse que deve ser utilizado um olhar mais atencioso, pois é uma investigação sobre determinado acontecimento que é contado através da imagem. A fotografia é o registro de um momento, um sentimento de algo que o indivíduo quer deixar eternizado, é possível vermos que não importa quem tirou a imagem, qual foi o local, mas o que ninguém pode mudar é que toda fotografia guarda uma história, que se tornam lembranças. Por isso, os indivíduos gostam de sempre registrar, pois aquele momento é congelado, e não importa quantos anos passem, sempre que a foto for vista é uma viagem ao passado. Como aponta Monteiro (2015).

“Nesse caminho de descobertas através das imagens fui percebendo os questionamentos que uma fotografia pode produzir, compreendendo que em arte os desdobramentos são muitos e especificamente na linguagem da fotografia percebo o quanto um olhar pode provocar, reforçar, repelir ou transformar a percepção da realidade das pessoas”. (MONTEIRO, 2015, p. 12).

Riacho Doce, um lugar imbuído de história e tradição, carrega consigo um rico legado que se revela em cada canto do bairro. No coração dessa comunidade, destaca-se a igreja de Nossa Senhora da Conceição. Erguida em 1863 pelo frei missionário Caetano, conforme registros documentais do Seminário de Maceió, essa igreja é mais do que um simples marco arquitetônico. Com seus 159 anos de existência, ela tem sido um farol de devoção, proporcionando significado e inspiração aos habitantes locais e a todos que peregrinam da capital em direção ao Litoral Norte. Uma parada obrigatória para os viajantes, a igreja de Nossa Senhora da Conceição é uma síntese das profundas raízes religiosas da região. Cada tijolo e cada detalhe arquitetônico carregam a história das vidas que foram tocadas por essa devoção ao longo dos anos. É um testemunho da devoção do frei Caetano e um monumento à fé compartilhada pela comunidade.

Uma data que irradia comemoração e fervor é o dia 8 de dezembro, quando a festa da Senhora Imaculada Conceição toma conta do bairro. Nessa ocasião, não apenas os moradores locais se reúnem, mas também os vizinhos de toda a região participam da celebração. A festa transcende o espaço físico da igreja e se espalha pelas ruas, unindo as pessoas em uma atmosfera de alegria e conexão. Essa tradição é mais do que uma simples comemoração religiosa; é um elo que liga as gerações, um lembrete tangível da importância de preservar e compartilhar as raízes culturais. A tradição gastronômica é igualmente vital na preservação das raízes de Riacho Doce. A casa de farinha, uma relíquia viva do passado, continua a desempenhar um papel central na comunidade.

As habilidades transmitidas de geração em geração resultam em delícias como beijus, suspiros, pé de moleque, tapiocas, bolos de milho, macaxeira e massa puba. Esses sabores não apenas satisfazem o paladar, mas também contam histórias de uma época em que a simplicidade era a essência da culinária. Às margens da via AL-101 norte, as boleiras compartilham essas iguarias com veranistas, turistas e aqueles que transitam entre as praias, enriquecendo suas experiências com um pedaço autêntico da cultura local.

Como enfatiza Callai (2004) a importância da cultura como um elemento fundamental para compreender os laços e as interações entre os indivíduos.

“Através da cultura, muitas vezes territorializada no espaço de uma ou

de outra forma, pode-se perceber os laços que os indivíduos tramam entre si, as formas de ação em relação ao ambiente, à natureza. Reconhecer a cultura local significa perceber, a história do lugar, as origens das pessoas, as verdades e os valores que pautam as relações entre elas". (CALLAI, 2004, p. 5).

A história do petróleo de Riacho Doce está presente em alguns livros, documentários e recortes de jornais, como no livro "O Drama da Descoberta do Petróleo Brasileiro", de Edson de Carvalho, que foi morador do bairro e o descobridor do petróleo na região. A história começou em 1910, mas criou força vinte anos depois, na década de 30. Nessa época foi fundada a Companhia de Petróleo Nacional, era uma sociedade entre o alagoano Edson de Carvalho e alguns desbravadores, entre eles, o escritor Monteiro Lobato. Na época o Brasil atravessava uma grande crise, com a coluna básica de sua economia, o café, derruída. A descoberta do petróleo vinha em boa hora e iria resolver a velha questão do combustível no país. Como aponta Carvalho (1958).

"A riqueza que o petróleo representa não tem paralelo. Uma vez aberto um poço produtivo, a colheita é contínua, e prolonga-se muitas vezes por dezenas de anos. No café ou no açúcar, por exemplo, o homem trabalha o ano inteiro para colher num dia! No petróleo, o homem, uma vez aberto o poço, tem a colheita a fazer-se por si própria 365 vezes por ano! Daí o fato das maiores fortunas do mundo terem origem no petróleo,". (CARVALHO, 1958, p. 36).

Nos últimos anos, Riacho Doce sofreu várias transformações, aumentou o número de empreendimentos no bairro. Grupos de danças que eram típicos da região, como o pastoril e as baianas, já não existem mais, porém ainda há raízes vivas de tradições passadas de geração para geração, além da tradição das boleiras, foi criado o grupo "Bordazul" com mulheres do bairro que promove a qualidade de vida, muitas delas relataram a melhora nos quadros de depressão, e hoje no bordado encontraram uma forma de bem estar e de deixar os pensamentos ruins de lado. De acordo com Schmitt (2013), no universo da arte popular, a criação e a tradição estão intrinsecamente entrelaçadas, formando um elo duradouro entre o presente e o passado. Cada obra de arte carrega consigo uma aura única, uma presença marcante que transcende a proximidade física.

“Criação e tradição caminham lado a lado. A aura que cerca uma obra de arte é aparição única de uma coisa distante, por mais perto que ela esteja. Uma evocação do gênio criador no contexto da memória coletiva. Daí o fascínio exercido por objetos fabricados pelo artista popular, vistos como remanescentes de um passado em vias de extinção.” (SCHMITT, 2013, p.18).

As fotos capturadas serão um retrato de como Riacho doce se encontra nos dias de hoje, será um passeio pelo bairro, onde será mostrado a tradição, as paisagens, as raízes vivas e os depoimentos de moradores da região. É característico da comunicação imagética nas redes sociais sobre a cultura, a utilização de texto para acompanhar a fotografia.

5. PROCEDIMENTOS TÉCNICO-METODOLÓGICOS

A divisão de estudos foi feita em etapas: a das boleiras, explorando sua importância na produção das iguarias tradicionais na região, os pescadores buscando compreender suas práticas, desafios e o papel desempenhado na economia local. As mulheres do Bordazul, que desenvolvem habilidades em bordados preservando a tradição artesanal e contribuindo para a manutenção da cultura na região. A igreja como centro de atividades religiosas e comunitárias, investigando sua história e o papel que desempenha na vida dos moradores. Além disso, o Mirante da Sereia, um local de beleza natural exuberante e de significado simbólico para a comunidade.

Através da coleta de dados e análise bibliográfica, foi possível traçar um panorama sobre a história e a cultura do bairro, bem como sobre a importância dos seus elementos para a comunidade local. Callai (2004) ressalta que quando exploramos e compreendemos a realidade do lugar em que vivemos, adquirimos uma visão mais profunda de nossa própria identidade e conexão com o ambiente ao nosso redor.

“E a realidade, quer dizer o lugar onde se vive, deve ser conhecido e reconhecido pelos que ali vivem, pois conhecer o espaço, para saber nele se movimentar, para nele trabalhar e produzir, significa conseguir reproduzir-se também a si próprio, como sujeito. Esta realidade pode ser a cidade (ou o município) que é por excelência o território compartilhado, o lugar da vida, onde se dá a reprodução em determinado tempo e espaço, do mundo que é o global, do universal”. (CALLAI, 2004, p. 3).

Foi feito um cronograma de visitas aos locais de maior relevância no bairro de Riacho Doce. Como já moro na região, a metodologia escolhida consistiu na realização de entrevistas, assim foram elaborados roteiros de perguntas previamente definidos, visando obter informações específicas sobre a história e a cultura do bairro. As entrevistas foram gravadas através do celular e transcritas posteriormente para a análise dos dados.

Para a captura de imagens, utilizei um aparelho celular, que apresentou excelente qualidade e nitidez nas fotos. Como a tecnologia avançou muito, é possível fazer registros de qualidade apenas com um celular.

5.1 PRÉ-PRODUÇÃO

A primeira parada foi no dia 12 de novembro na rodovia AL-101 Norte, onde foram realizadas entrevistas com as boleiras locais. Durante o encontro, foram compartilhadas histórias sobre a origem dos famosos bolos e quitutes, bem como sua importância na cultura do bairro. Depois visitei a casa de Maura Santos. Ela começou a fazer os bolos na região aos 16 anos de idade, tendo aprendido o ofício com a dona Percina de Assis, uma moradora da região.

A produção dos doces era feita na casa de farinha ao lado da igreja de Riacho Doce, mas por conta dos problemas respiratórios causados pela fumaça do local, dona Maura resolveu comprar um fogão industrial e começou a fazer os seus quitutes em sua própria residência. Durante a visita observei de perto a preparação dos alimentos, incluindo bolos, pé-de-moleque, grude e outras iguarias. Alguns alimentos exigem um esforço físico considerável. Os filhos de Dona Maura, Dayvid Santos e Djanilton Santos, auxiliam nas tarefas mais pesadas, enquanto ela se dedica à preparação de cocadas, tapiocas e o delicioso bolo de milho.

Figura 1. Visita a Dona Maura, podemos ver na imagem ela preparando a cocada



Fonte: Jéssica Viturino (2022)

No bairro ainda restam algumas rústicas casas de farinha, e com o passar do tempo algumas boleiras começaram a fazer os quitutes em casa, usando o fogão industrial, nas quais são produzidas deliciosos bolos, que não só retratam a cultura, mas também tem sua influência na atividade econômica.

Na mesma semana fiz uma visita a Amara dos Santos, conhecida como dona Nenê, uma das renomadas boleiras de Riacho Doce. Desde jovem, ela se dedica à produção dos quitutes que são uma marca registrada do bairro. No entanto, ela lamenta que a profissão não seja valorizada como deveria: "É uma luta diária para manter o sustento da minha família com essa atividade. Apesar dos problemas de saúde que já enfrentei, não desisto porque tenho orgulho do que faço", falou Amara.

Dona Nenê trabalha todos os dias, com o auxílio do marido, Edimilson Farias, e de outras boleiras, para preparar os bolos e outras iguarias. Os homens da região são responsáveis por levar os produtos para a cidade, onde são vendidos para consumidores que conhecem e apreciam as delícias de Riacho Doce.

É notável a importância dessas mulheres no sustento das famílias e na economia local, uma vez que os quitutes são uma fonte de renda para muitos

moradores do bairro. No entanto, a falta de reconhecimento e apoio institucional ainda é uma realidade que precisa ser enfrentada para valorizar essa atividade tão importante para a cultura e a história de Riacho Doce.

Figura 2. Dona Nenê preparando as iguarias enquanto seu marido retira os bolos do forno a lenha



Fonte: Jéssica Viturino (2022)

No mesmo dia, decidi realizar uma sessão fotográfica em alguns locais do bairro, acompanhada pela minha amiga Jaqueline Melo. Começamos pela Praça de Emídio Carvalho, um local de encontro para famílias e amigos. Durante a noite, é possível encontrar barraquinhas de churrasco, lanchonetes, e as senhoras que vendem tapioca e acarajé. Há também um parquinho para as crianças brincarem, que reúne pessoas de todas as idades. Ao lado da praça, existe uma padaria que já existe há muitos anos na região.

Ao redor da praça de Riacho Doce encontra-se o Colégio Estadual Antonio Vasco. Em frente à praça, há uma casa antiga que pertencia ao engenheiro Edson de Carvalho. Embora atualmente a casa esteja fechada, sua arquitetura antiga e suas cores chamam a atenção dos transeuntes da região.

Passamos também pela Fábrica de Gelo, que, segundo moradores locais, antes era a casa onde o escritor José Lins do Rego viveu por um tempo e escreveu o livro "Riacho Doce".

Figura 3. Praça Emídio de Carvalho, podemos observar barraquinhas que funcionam durante a noite



Fonte: Jéssica Viturino (2022)

No mês de dezembro, em uma manhã ainda envolta pela escuridão, realizei uma visita aos pescadores do bairro. Acompanhada por meu primo César Augusto, a visita ganhou uma dimensão de segurança, reconhecendo o potencial de riscos no horário matutino. Minha jornada me conduziu ao ponto das jangadas, um local repleto de simbolismo, situado na rua da praça de Riacho Doce, marcando as 4h00 da manhã. Foi nesse momento que pude testemunhar o gradual despertar dos pescadores, cada um preparando suas jangadas meticulosamente antes de partir para o mar.

A pesca artesanal, é uma prática intrinsecamente conectada à vida local, emerge como uma atividade econômica de profundo significado. Não se limitando a uma mera transação comercial, ela se transforma em um atrativo cultural para todos aqueles que visitam a praia. Os pescadores locais, por meio das gerações continuam a abraçar essa tradição, conduzindo suas jangadas em direção ao mar com um senso de propósito que se estende por décadas. A alvorada entre 3h e 5h da manhã marca

o início dessa jornada. Enfrentando o horizonte, eles levam consigo provisões essenciais, garantindo que a busca pelas diversas espécies de peixes se estenda por até três dias consecutivos. A recompensa é dupla: não apenas a oferta de peixes para a comercialização, mas também a segurança do sustento familiar.

Foi durante essa visita que tive o privilégio de entrevistar José Augusto, um pescador de 49 anos que carrega consigo uma história de 23 anos dedicados à pesca. Sua jornada foi catalisada por dois amigos, cujo incentivo o empurrou para essa profissão. José Augusto compartilhou suas vitórias e desafios, relatando como essa atividade o capacitou a construir sua casa e prover sua família com o essencial. Suas palavras ecoam com gratidão: "Este trabalho é tudo em minha vida, sem ele não poderia sustentar minha família. Meus filhos terminaram os estudos em escola pública e tudo o que eles pediram eu dava, até o que eu não tinha. Mas o pouco que dava para arrumar, já era de grande tamanho."

Resgatando memórias enraizadas, fica claro que Riacho Doce não apenas é sustentado pela pesca, mas também pelas tradições que a acompanharam. Em tempos passados, o dia 6 de janeiro, conhecido como o Dia de Reis, reverberava com antecipação entre os pescadores. Nessa data, cada pescador se esforçava ao máximo para capturar o peixe-rei, almejando o cobiçado prêmio. José Augusto recorda esses tempos de competição amigável e orgulho coletivo, mencionando suas próprias vitórias ocasionais. No entanto, com um toque de melancolia, ele compartilha a notícia de que essa tradição perdeu sua continuidade, deixando-nos contemplativos sobre a evolução da cultura e sua preservação.

Nesse breve encontro com a vida dos pescadores de Riacho Doce, ficou evidente que a pesca artesanal não é apenas uma atividade econômica, mas um fio que tece a trama social e cultural da comunidade. As jangadas que navegam nas águas carregam histórias de esforço, devoção e resiliência, entrelaçadas com as memórias de gerações que moldaram o passado e o presente desse lugar. A cultura, como ancoragem do passado e fonte de vitalidade no presente, é a força que mantém as tradições vivas, enquanto elas evoluem para enfrentar os desafios do tempo.

Figura 4. Pescadores se preparam para entrar no alto mar



Fonte: Jéssica Viturino (2022)

Nos últimos anos, Riacho Doce tem passado por diversas mudanças. Entretanto, há outra tradição que se mantém firme. O grupo Bordazul, criado com mulheres de Riacho Doce e bairros vizinhos para promover a qualidade de vida através do bordado. Muitas delas relataram a melhora nos quadros de depressão, e encontraram na arte uma forma de bem-estar e de deixar os pensamentos ruins de lado. No mês de dezembro, decidi passar uma tarde com essas mulheres para conhecer suas histórias e aprender sobre os bordados.

A maioria das mulheres que integra o Bordazul fazem parte do grupo desde sua origem, que se deu pelo projeto Conversando sobre saúde, do SESC/AL (do qual continuam participando), sendo um trabalho contextualizado dedicado ao cuidado, priorizando mulheres que residem no litoral norte de Maceió e que em suas vidas enfrentam situações de vulnerabilidade social e econômica, que tiveram oportunidades restritas de acesso a equipamentos e bens culturais. As oficinas de bordados iniciaram em 2013 e foram ministradas pela professora Gianina Bernardes, que atualmente é a coordenadora do Bordazul criado em 2016.

Faz 8 anos que Nathália Alves trabalha com o bordado, para ela este trabalho serve como terapia. “O bordado me ajudou com a minha ansiedade e nele encontro a

calma. Infelizmente só dão valor a esses trabalhos manuais os turistas. Confeccionamos várias bolsas e a professora levou para serem vendidas no Rio de Janeiro, Espanha, França e Portugal”, enfatizou Nathália.

Os bordados tecem narrativas sobre as trajetórias e as memórias dessas bordadeiras, na relação com o cotidiano e seu território.

Maria de Lourdes começou a bordar em 2013, quando participou de duas oficinas oferecidas pelo Sesc. Através da professora Gianina, as alunas aprenderam a fazer os primeiros pontos e continuaram a bordar. “Bordar significa paz para mim, me faz muito bem. No dia que eu não venho bordar eu sinto falta, e às vezes o pouquinho que eu faço consigo fazer uma renda extra, o que já ajuda nas despesas de casa. Aqui no grupo cada uma tem o seu jeitinho de bordar, tem a sua personalidade, o seu jeito de usar as linhas, me sinto muito bem em fazer, e me sinto melhor ainda em poder ensinar. A gente se sente bem ensinando aquilo que a gente aprendeu”, contou Lourdes.

“O bordado me ajudou a sair da depressão”, Nilda Alves, perdeu o filho e acabou desenvolvendo a depressão, e que precisou fazer tratamento com base em medicação e terapia. Depois que ela conheceu o bordado e se encantou e que hoje é uma terapia e fica sem palavras para descrever o que ele tem proporcionado na vida dela.

Figura 5. As bordadeiras confeccionando peças de bordado para venda



Fonte: Jéssica Viturino (2022)

Em dezembro de 2022 e janeiro deste ano, fotografei a igreja de Nossa Senhora da Conceição, em Riacho Doce, reconhecida como uma Unidade Especial de Proteção, conforme dados obtidos através de documentação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), confirmando sua importância como patrimônio histórico e cultural da região. Segundo registros documentais do Seminário de Maceió, a igreja foi edificada em 1863, pelo frei missionário Caetano. Sua arquitetura é característica do estilo colonial brasileiro, com uma fachada azul e branca que foi repintada em 2022 em referência às cores do manto da imagem da padroeira de Nossa Senhora da Conceição, e com um interior ricamente decorado com obras de arte, como pinturas e esculturas. A festa da padroeira é celebrada no dia 08 de dezembro e pessoas de várias regiões de Maceió marcam presença.

Figura 6. Fiés durante a missa solene na festa da Imaculada Conceição



Fonte: Jéssica Viturino (2022)

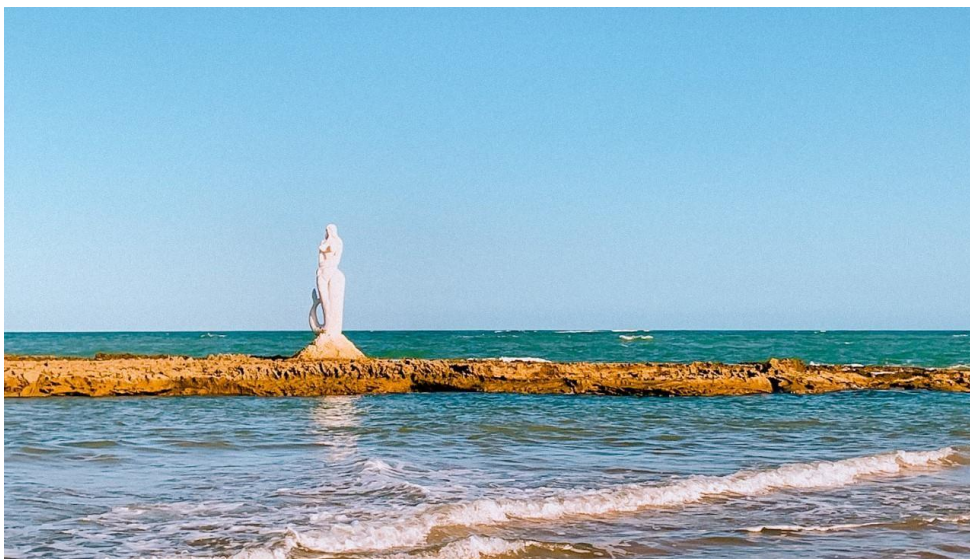
Com a pandemia Riacho doce ficou dois anos sem realizar a procissão. Em 2022, foi realizada a primeira procissão pós pandemia, que reuniu mais de mil pessoas. “A nossa festa deste ano foi muito aguardada pelos fiéis da Imaculada Conceição, mas celebramos com muito entusiasmo, com o mesmo fervor dos outros anos. A novena, o santo terço e a santa missa foram momentos bonitos de oração

que deram um brilho especial a nossa festa”, contou o ministro da eucaristia, Roberto Júnior.

E por último fiz o registro do rio Riacho Doce, que dá nome à região, O rio apresentava águas cristalinas e era bastante frequentado para atividades de banho pela população local. Entretanto, com o aumento da população, a falta de infraestrutura sanitária e a construção de residências em suas margens, houve o despejo inadequado de resíduos no rio, comprometendo a qualidade da água e afetando a vida marinha da região. Como consequência, o rio Riacho Doce tornou-se impróprio para banho, gerando impactos negativos à saúde pública e ao meio ambiente.

Finalizei com o passeio a praia do Mirante da Sereia, para fotografar a estátua da sereia que é uma obra de arte de grande importância cultural e histórica, que foi feita pelo escultor pernambucano José Corbiniano Lins e instalada em 1964. Com o passar dos anos, a escultura sofreu desgastes e danos, incluindo a perda da cauda. Em dezembro de 2022, a prefeitura iniciou a obra de restauração da estátua, com o objetivo de preservar e revitalizar esse patrimônio da região.

Figura 7. Estátua da Sereia no Mirante em Riacho Doce



Fonte: Jéssica Viturino (2022)

A responsabilidade pela estruturação da parte danificada da estátua foi entregue ao artesão Robson Santos Figueiredo, natural de Marechal Deodoro, cidade da região metropolitana de Maceió. O artesão se dedicou a um trabalho minucioso, refazendo a cauda da sereia à mão, utilizando um material de concreto que pesa cerca de 50 kg. A restauração da estátua é uma tarefa complexa e de grande

responsabilidade, dada a importância cultural e histórica da escultura para a região de Maceió.

5.2 CAPTAÇÃO

Durante as visitas aos locais, escolhi horários diferentes para capturar imagens de boa qualidade, levando em consideração a condição da iluminação e a disponibilidade minha e das pessoas que me acompanhavam. Utilizei um iPhone 11 da marca Apple como equipamento e aproveitei as boas condições de luz natural, mantendo as configurações na maioria das fotos no modo foto (formato 4:3), sem flash e efeitos. Além disso, verifiquei sempre as condições climáticas para garantir boas imagens.

Houve semanas em que precisei adiar as visitas devido à chuva intensa. Esperei por dias de sol para fazer minhas fotos e, antes de fotografar, planejava mentalmente o cenário e como queria que a foto ficasse, buscando mostrar detalhes e transmitir a mensagem desejada. No dia das fotos dos pescadores o dia amanheceu nublado, mas mesmo assim arrisquei e o sol apareceu e consegui fazer as fotos que desejei.

Figura 8. Bastidores: registros do pescador na jangada



Fonte: César Augusto (2022)

Durante todo o processo de captação, era indispensável manter a lente da câmera sempre limpa, o que fiz com frequência. Apesar do bairro ser pacato, havia alguns pontos de insegurança, o que me levava a guardar constantemente o celular com receio. As visitas foram feitas exclusivamente a pé, e cada uma durou uma manhã ou uma tarde inteira.

A etapa de fotografar as boleiras, por exemplo, foi diferente, já que tive que tirar o dia todo disponível. Primeiro registrei a preparação das iguarias pela manhã, em seguida as vendas que são feitas durante a tarde, alguns homens saem para vender em alguns bairros da cidade, mas outras boleiras vendem na rodovia da AL-101 Norte. Durante o período em que estive presente nas vendas, pude observar a grande procura pelos produtos. Turistas e pessoas que moram na capital frequentemente param para fazer suas compras, e ouvi vários elogios, como "esses bolos são os melhores" e "sempre quando passo aqui gosto de levar para casa para tomar com um café".

5.3 PÓS-PRODUÇÃO

Ao longo das visitas realizadas em Riacho Doce, foram coletadas mais de 700 fotos que retratam a história do bairro e a vida dos trabalhadores locais. Em parceria com a orientadora, foi realizada uma seleção das imagens que mais chamaram atenção, buscando mostrar através delas a riqueza da história e cultura do local.

Em conjunto com a orientadora, realizamos a seleção das imagens que mais chamaram nossa atenção, levando em consideração a representatividade da história e a qualidade da fotografia. Nesse processo, procuramos retratar a riqueza cultural da região, abordando temas como a pesca, o artesanato e a culinária, além de destacar a beleza natural do local.

Para que as fotos ficassem com uma qualidade adequada, foi necessário realizar um trabalho minucioso de edição. A escolha da luz e das cores foi realizada com muito cuidado, com o objetivo de garantir uma padronização visual adequada mesmo considerando as diferentes horas em que as fotos foram capturadas. O aplicativo Lightroom foi utilizado para essa etapa de edição, que exigiu uma análise criteriosa de cada imagem.

Em seguida, partimos para a parte de diagramação, que consistiu em ajustar as fotos para o formato do fotolivro. Optamos por utilizar imagens coloridas para

destacar a história atual do bairro, mostrando como ele se encontra hoje em dia. Algumas fotos foram combinadas em uma única página, enquanto outras permitiram a inclusão de mais de uma imagem, sempre valorizando a qualidade da foto. Para auxiliar na diagramação, o aplicativo Canva foi utilizado, permitindo a seleção de imagens em diferentes tamanhos e garantindo uma harmonia visual nas páginas.

Por fim, criamos as legendas e a legenda do fotolivro. Essa etapa foi realizada em conjunto com a orientadora, buscando oferecer informações completas e atraentes para acompanhar as imagens. As legendas foram criadas com base nas entrevistas realizadas e nas informações coletadas durante as visitas ao bairro, buscando contextualizar as fotos e apresentar curiosidades sobre a história da região.

Com todo esse processo, foi possível construir um fotolivro que conta a história e a cultura de Riacho Doce de maneira envolvente e rica em detalhes. O resultado final é uma obra que retrata de forma autêntica e emocionante a vida dos trabalhadores locais e a riqueza da cultura do bairro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do avanço tecnológico e das diversas formas de comunicação existentes atualmente, o fotojornalismo ainda mantém sua importância e relevância, sendo capaz de transmitir sentimentos e denúncias por meio de uma imagem. No caso deste trabalho, as fotografias produzidas no bairro de Riacho Doce revelam que, apesar do tempo, muitas tradições ainda permanecem vivas na região.

O trabalho realizado pelas boleiras, a pesca e a devoção à Imaculada Conceição são apenas alguns exemplos que demonstram a riqueza histórica e cultural do bairro. Através deste ensaio, foi possível deixar um registro documental para as gerações futuras e resgatar as raízes de Riacho Doce, um lugar importante e rico em histórias para a cidade de Maceió.

Espera-se que este trabalho sirva como um instrumento histórico e possa aproximar as pessoas da região, valorizando suas riquezas e incentivando o turismo local. O papel do jornalismo, neste caso, é fundamental para informar e conscientizar as pessoas sobre a importância de preservar a cultura e história do bairro.

Em suma, o fotojornalismo continua sendo uma ferramenta poderosa de comunicação, capaz de transmitir emoções e despertar sentimentos em quem as

observa. Neste trabalho, ele cumpre sua função ao registrar e divulgar a história e cultura de Riacho Doce, permitindo que as gerações futuras possam conhecer e valorizar o patrimônio cultural da região.

REFERÊNCIAS

ALVES, Thabata Caroline Ferraz, et al. **Envelhe (ser) entre linhas e afetos: uma análise dos saberes-fazeres de mulheres bordadeiras**. 2021. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade) – Universidade Federal de Itajubá, Itajubá, 2021.

BARROS, Maria Teônia de. **Riacho Doce à luz da geografia**. Maceió: Faculdade de Filosofia Ciências e Letras-Universidade Federal de Alagoas, 1966.

CALLAI, Helena Copetti. **O estudo do lugar como possibilidade de construção da identidade e pertencimento**. VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais Coimbra, Coimbra, Portugal: 2004.

CASTAMAN, Alan Marcel; HOFF, Rafael Sbeghen. **Fotografia, jornalismo e tempo: produção e consumo da imagem jornalística**. XVII Prêmio Expocom 2010 – Exposição de Pesquisa Experimental em Comunicação. São Miguel do Oeste, 2012.

CARVALHO, Edson de. **O Drama da Descoberta do Petróleo Brasileiro**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1958.

FARACHE, Ana. Fotografia: uma experiência entre a memória e a imaginação. **Discursos Fotográficos**, Londrina, v. 4, n. 4, p. 13-34, 2008.

LEITE, Bruna Stefanni Alves. **Poluição visual: um olhar sob a face oculta do Centro de Goiânia**. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação de Jornalismo) – Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2020.

LOBATO, José Bento Monteiro. **O escândalo do petróleo: depoimentos apresentados à Comissão de inquérito sobre o petróleo**. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1936.

MONTEIRO, Tamires Coelho. **Passageiros da paisagem: o cotidiano às margens da ferrovia**. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação de Artes Visuais) – Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2015.

PEREIRA, Kelcy M. F. **Bordazul - Bordado e cuidado**. 2019. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de Alagoas. Maceió, 2019.

REGO, José Lins do. **Riacho Doce**. 1. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1939.

SCHMITT, João Felipe Araújo. **Empreendedorismo e associativismo: estudos de casos com pequenos artesãos cearenses**. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação de Administração) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013.

ANEXO

Pauta detalhada

Título: Raízes de Riacho Doce: Vivências e tradições que ainda resistem no bairro histórico de Maceió

Data: 2023

Redatora: Jéssica Viturino

Editoria: Cultura

Tema: Riacho Doce: O Encanto do Bairro Histórico de Maceió em Fotografias

Histórico/sinopse: Maceió é destaque quando o assunto é cultura e turismo. O ensaio fotográfico tem como propósito registrar e preservar a identidade cultural e histórica do bairro de Riacho Doce, localizado no litoral norte de Maceió. Com uma população aproximada de 5.218 habitantes, o bairro é predominantemente voltado para a pesca e carrega consigo uma rica herança cultural.

A história de Riacho Doce remonta a tempos antigos, com lendas que narram a origem do seu nome, relacionado a uma mulher que se banhava nas águas do riacho e expressava a frase "que riacho doce". Além disso, o bairro tem sido um ponto de parada para caravanas que atravessavam a região, oferecendo abrigo e suprimentos aos viajantes.

No entanto, o crescimento populacional e a falta de saneamento básico têm impactado negativamente a qualidade das águas do rio Riacho Doce, que dá nome à região. Apesar disso, a religiosidade, com destaque para a Igreja Nossa Senhora da Conceição, e a famosa Praia da Sereia permanecem como importantes pontos de interesse.

A riqueza cultural do bairro é evidente em sua culinária típica, com quitutes deliciosos e a presença de uma casa de farinha. As tradições pesqueiras também são marcantes, com uma vibrante comunidade de pescadores e uma vila de pescadores que mantém viva a arte da pesca artesanal. Além disso, serão apresentados registros do grupo Bordazul, que promove práticas de cuidado em saúde por meio do bordado, envolvendo mulheres de Riacho Doce e regiões próximas. Os bordados produzidos por essas mulheres retratam histórias e memórias, estabelecendo uma relação entre o cotidiano e o território local.

O ensaio será composto por fotografias que serão capturadas através de um dispositivo móvel, com o intuito de oferecer uma visão abrangente e sensível do bairro. Serão exploradas paisagens, personagens e detalhes do cotidiano, evidenciando a comunidade pesqueira, as boleiras, o bordado da região e a fé católica que predomina na região.

Diante das transformações urbanísticas e da expansão imobiliária em curso na região, o ensaio fotográfico busca criar uma memória visual do bairro, preservando sua identidade cultural e histórica antes que seja perdida. Por meio da sensibilidade capturada pelas imagens, almeja-se despertar o interesse e a valorização das histórias e riquezas locais, tanto para os moradores do bairro quanto para aqueles que desejam conhecer e apreciar essa região tão especial.

Enfoque/encaminhamento: Tradição dos Bolos, análise das tradições gastronômicas do bairro, com foco especial das iguarias famosas na região. Pesquisar essa tradição que é passada de geração em geração e seu significado para a comunidade local. O Surgimento do Grupo Bordazul: Investigação da origem e formação do grupo Bordazul, que promove o cuidado em saúde por meio do bordado. Cultura da Pesca: Estudo da importância histórica e cultural da pesca no bairro. Análise da transmissão dos conhecimentos e habilidades de pesca que ainda permanecem vivas na região. A Fé Católica: Investigação da devoção católica enraizada na comunidade de Riacho Doce. Análise da continuidade da prática religiosa ao longo dos anos e seu impacto na coesão social e cultural do bairro. O Ponto Turístico Mirante da Sereia: Relevância e potencial turístico do Mirante da Sereia no contexto do bairro histórico.

Fontes – Personagens

Boleiras e boleiros:

Personagem: Amara dos Santos (Dona Nenê),
Edimilson Farias Maura Santos, Dayvid Santos e
Djanilton Santos, local: Riacho Doce – Maceió

Pescador

Personagem: José Augusto,
local: Riacho Doce – Maceió

Grupo BordAzul

Fonte: Gianina Bernardes, coordenadora do Bordazul

Bordadeiras: Nathália Alvez, Maria de Lourdes, Nilda Alves

Local: Garça torta – Maceió

Igreja Católica de Riacho Doce

Personagem: Roberto Júnior, ministro da Eucaristia

Local: Riacho Doce, Maceió